



ARTIGOS

PSICANÁLISE E LINGUAGEM:^{*} RELATO DE UM CASO CLÍNICO

*Vera Regina J. R. M. Fonseca^{**}*

Alguns Fatores Históricos

Desde a sua origem, a psicanálise se encontra visceralmente ligada à linguagem.

Em 1881, Anna O., paciente de Breuer, insistindo em que ele a deixasse falar livremente, permitiu a hipotetização de que o fluxo ininterrupto e detalhado de lembranças ligadas a um evento traumático levaria à recuperação dos afetos reprimidos referentes a esse trauma, e os sintomas histéricos tenderiam a desaparecer.

Assim, tudo começou com um monólogo: o método catártico.

Posteriormente, a “cura pela conversa” (*talking-cure*) foi mais bem elaborada, e o médico passou a ter a função de apontar no discurso de seu paciente os sinais

* Este trabalho foi lido em forma modificada no X Congresso Brasileiro de Neurologia e Psiquiatria Infantil, setembro de 1989, em São Paulo, durante a mesa-redonda “Psicanálise e linguagem”.

** Psiquiatra, psicanalista e membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

de conflitos inconscientes. Supunha-se que tal conhecimento propiciaria a eliminação de sintomas.

Temos, nesse momento, um diálogo.

Na medida em que a clínica psicanalítica foi se avolumando, Freud percebeu que seria necessário algo além da decodificação dos conteúdos inconscientes expressos na associação livre, pois intensos sentimentos dirigidos ao analista interferiam continuamente no trabalho. Concluiu que se tratava de reproduções de afetos antigos dirigidos às figuras parentais, e que teriam de ser incluídos na análise, para que se obtivessem mudanças mais profundas.

Nasce, portanto, uma relação.

E, como todas as relações, pode ser considerada um sistema reverberante, no qual A interfere em B, que por sua vez influencia A, de um modo peculiar para cada sistema.

Obviamente, tal relação sempre existiu, desde Breuer e Anna O., mas foi a evolução da teoria psicanalítica que levou ao reconhecimento do caráter nuclear da relação na terapia. E relações são em grande parte mediadas pela linguagem, uma se nutrindo da outra.

Com o propósito de discutir o papel da linguagem na prática psicanalítica, tomemos um trecho de Hanna Segal sobre suas noções a respeito dos fatores curativos na psicanálise:

... a compreensão interna (*insight*) é uma pré-condição de qualquer mudança duradoura de personalidade conseguida através da análise (...), ou seja, a aquisição de conhecimento sobre o inconsciente de uma pessoa vivenciado conscientemente e, na maioria dos casos, sendo capaz de reconhecer explícita e *verbalmente* processos previamente inconscientes (...). Tal compreensão, como sabemos, só pode ser vivenciada na relação transferencial. (Segal, 1983; p.102)

A linguagem, sendo um produto das primeiras relações da criança com outro ser humano, irá depois afetar e modular tais relações, na qualidade de instrumento das mesmas. Ou seja, a linguagem é constituída pela relação e será depois constituidora, participando portanto na estruturação do mundo interno, já que o mesmo é organizado basicamente pelos padrões relacionais.

Também sabemos que a linguagem nasce da percepção da ausência e tolerância diante da mesma: é pela ruptura da união primitiva com a mãe, quando passa a haver maior discriminação entre sujeito e objeto, e portanto a ser reconhecida a ausência, que as atividades simbólicas em geral irão surgir.

Quando Freud (1920) descreve a brincadeira do carretel, está dando um belo exemplo da função das atividades simbólicas, inclusive a linguagem: na ausência da mãe a criança lança o cordão para voltar a recuperá-lo, na esfera de sua onipotência.

Assim é a linguagem: uma tentativa de resgatar a união com o objeto, agora já percebido como separado e potencialmente ausente. E, uma vez tendo-se entrado no sistema lingüístico, há uma passagem clara para outro nível de funcionamento mental, mais autônomo quanto ao mundo concreto.

Resumindo: é a interação com o adulto que irá possibilitar, entre outros fatores de ordem instrumental, o aparecimento da linguagem, e essa, ao ser progressivamente dominada pela criança, propiciará mudanças significativas em seu comportamento e organização mental – mesmo a fala mais primitiva é muito diferente de todos os outros modos não verbais de funcionar, propiciando a passagem de esquemas motores a esquemas lingüísticos.

Com Melanie Klein, a psicanálise passou a expandir seu campo de ação, incluindo nele a infância de modo mais consistente que as tentativas anteriores. Às palavras vieram então se somar o brincar, chegando até à possibilidade de se analisar crianças que não falam .

Como tive oportunidade de trabalhar em tais condições, freqüentemente me deparei com a questão de quais seriam as mudanças que a linguagem determinaria no psiquismo, ou seja, como a aquisição da linguagem afetaria a organização do mundo mental.

Gostaria de abordar esse tema pelo lado avesso, por meio do material psicanalítico de uma criança que, por uma deficiência sensorial congênita, tinha domínio muito precário sobre a linguagem.

Uma História Clínica

Mauro tinha quatro anos ao iniciar a análise. Era portador de uma deficiência auditiva severa, devido à prematuridade, tendo usado aparelho de amplificação sonora desde os nove meses, época em que também começou reabilitação em linha oralizadora.

Nos primeiros meses suas sessões apresentavam o seguinte padrão: invariavelmente, antes de entrar e ao sair da sala pressionava a descarga do banheiro, uma válvula em forma de botão, como que para se certificar de que ela funcionava.

Durante o tempo em que estávamos na sala, grudava bolas de massa na parede, apertava-as e me mostrava que as tinha quebrado. Comecei a associar essa seqüência à descarga, e me pareceu que ele expressava o temor de ter uma “mamãe quebrada”. Não sei se atualmente eu diria desta mesma forma (talvez eu apenas enfatizasse seu medo de quebrar minhas coisas e acabar vivendo em um mundo quebrado), mas a verdade é que Mauro incorporou tal terminologia prontamente. Aos poucos foi substituindo os botões de massa por bombas. Ao entrar na sala, jogava com força sua caixa de plástico na parede, dizendo: “*Bomba!*”. E tudo se esparramava pelo chão. Concomitantemente acendia palitos de fósforo e os lançava em todas as direções, e esses também eram chamados de bombas.

Compreendi que esses fatos confirmavam e ampliavam minhas primeiras hipóteses: eram a demonstração de um profundo temor de ter quebrado seus objetos por não conseguir conter seus impulsos, algo como não controlar as mordidas famintas que danificariam o seio nutridor, e uma reação maníaca diante de tal sentimento. Não se mostrava realmente preocupado pelo que havia feito; ao contrário, a aparência geral era de inconseqüente agitação, recheada de sorrisos.

No entanto, não me parecia que a destruição fosse conseqüente de ataques frontais, do exercício de um impulso agressivo em sua forma “pura”, mas de “bombas internas” que explodiam por falta de um *self* continente¹ (Bick, 1986). O *setting* analítico deveria então fazer as vezes de um lugar suficientemente forte para não se quebrar.

1. “*Self* continente” seria conseqüência da formação de uma pele psíquica que delimita o *self* do mundo externo (ibid.).

Algumas sessões adiante, ele passou a dramatizar bombas saindo pelo ânus e em seguida falou-me, com dificuldade, de um cachorrinho com um papai bravo. Desenhei para ele um cachorro pequeno que jogava bombas-cocô no pai e ficava então com medo de sua braveza. Ele concordou e acrescentou ao desenho uma mamãe brava (que, ao que tudo indicava, não podia gostar do filho que suja tudo de cocô).

A meu ver, essa cena edípica colorida de fantasias anais mostra que as fezes, mais que um instrumento de ataque, são escapes sujos que lhe retiram o amor da mãe e provocam o ódio dos pais. Digo isso pelo fato de que em todo esse material, apesar de haver nítidos sentimentos persecutórios, coexistia uma tonalidade de tristeza e desamparo que muito me impressionava.

Freqüentemente, Mauro falava de uma “água brava” que batia nas pedras, e de um barco que lá navegava. Os pais relatavam seu fascínio pelas ondas batendo nas pedras quando iam à praia.

Eu o imaginava a olhar, sentindo certa identidade da experiência interna com a externa: ele como um barco em perigo nas águas turbulentas de seus impulsos, sem poder nem mesmo falar sobre tal situação.

Penso que uma das funções da linguagem é fornecer ligação entre a realidade externa e interna, de modo que esta possa ser compreendida e partilhada. Assim, a análise teria justamente como uma das suas funções propiciar-lhe tal ligação, dando nome e sentido compartilhado a suas experiências emocionais, permitindo que ele se tornasse sujeito de suas vivências.

Passarei a relatar e comentar duas sessões que ocorreram por volta de 14 meses após o início, quando contava com cinco anos e meio.

29/6/89

O motorista veio me avisar que Mauro estava no carro e não queria entrar. Fui chamá-lo, ele fez que não com a cabeça, parecendo aborrecido.

Após algum tempo, entrou na sala de espera. Pôs num copo gotas de um remédio que trouxera consigo. Ao me ver, bateu a porta em minha cara, gritando, como se, naquele momento, eu fosse realmente uma inimiga. Inimiga provavelmente

te por ter me separado dele a cada sessão, deixando-o sozinho, sem lembranças sólidas para lhe fazer companhia, apenas recordações muito tênues, talvez insuficientes.

Entrou, enfim, em minha sala, trazendo seu remédio num copo. Ao ver que na mesa onde eu estava sentada havia uma folha, jogou nela toda a água do copo. Com isso deve ter imaginado que eu iria me vingar, e saiu de novo da sala. Após algum tempo, voltou. Disse-lhe que se sentia doente, mas queria tomar sozinho seu remédio. Em outras palavras, estou lhe contando que percebo sua necessidade de um objeto que alivie sua dor mental, mas que não confia em mim o suficiente para ajudá-lo.

Penso comigo como é difícil necessitar, depender de alguém sem ter possibilidades adequadas de evocação, alguém que não se pode controlar, e nem ao menos chamar.

Mauro, então, me pediu fósforos, fazendo com eles uma pequena fogueira. Logo em seguida pegou material de limpeza, dizendo que ele era o papai que limpava a casa. A essa altura estava muito aflito, e derrubava água por todo o caminho, desajeitadamente espirrando espuma em mim, lançando também a chupeta em minha direção. Falou algo como “pegou fogo”, dando a entender novamente que o papai tinha de limpar e eu teria de comprar móveis novos, pois aqueles estavam muito fracos.

Percebi a intensidade do medo de ter estragado minhas coisas e a mim mesma com seus impulsos não contidos. Esse medo solapava ainda mais sua capacidade de continência, e ele acabava me atingindo com fragmentos de sua explosão interna, sempre incerto sobre a possibilidade de haver alguém que o ajudasse. Mas persistia nas tentativas desesperadas de reparação. Tentei transmitir-lhe algo sobre o quanto queria consertar e limpar minha sala. Ele concordou e continuou a ensaboar ferozmente a mesa.

Gostaria de me deter nesse ponto. Para Mauro, em minha opinião, nem sempre o círculo vicioso se inicia com o ataque. A falta de continência psíquica, e até física (ele também tinha razoáveis dificuldades motoras), é que leva à idéia de estragos, por vezes reais. Partes de seu mundo interno expelidas (ou “explodidas”) em angústia se quebram, se perdem enfim, pois não permanecem dentro dele.

Mas quais seriam os fatores responsáveis por tal falha de continência?

Creio que a fase de dependência absoluta,² para usar um conceito de Winnicott, pode ser bastante afetada pela deficiência auditiva. Digamos, por exemplo, que a mãe desse bebê não pôde ser “possuída” tão integralmente, já que ela é registrada apenas quando está no campo visual dele. Isso também implica um contato e uma apreensão predominantemente tátil e visual do objeto, perdendo-se toda a riqueza da estimulação e do consolo oferecidos pela voz materna desde momentos muito precoces.

Posteriormente, como o balbucio não surge, ou surge e desaparece, perde-se a função evocadora e invocadora do objeto, como um fenômeno transicional que prepara o bebê para suportar a ausência.³

Pergunto-me se tais fatos não acabam por interferir na possibilidade de internalização do objeto. Nessas condições, seria necessário que a mãe fosse bastante sintonizada com o bebê para superar tais obstáculos e ser suficiente.

Mais adiante ainda, na época da aquisição da linguagem, essa acaba também se constituindo em um continente, opinião já formulada por Hanna Segal. Contém fantasias, emoções, experiências, e ainda viabiliza a contenção das mesmas pelo objeto.

Acredito que o estabelecimento da continência interna e a formação de uma pele psíquica não se esgotam no primeiro ano de vida, mas vão se consolidando ao longo da infância. É razoável pensar que a ausência de linguagem verbal ou o prejuízo severo no desenvolvimento da mesma afetem tal consolidação.

Assim, se posso transformar meus impulsos em palavras, torna-se mais fácil contê-los, já que falar deles não é o mesmo que passar à ação. Se não posso falar, eles estragam os objetos e as relações. Se posso falar, tenho uma chance de fazer reparações e recuperar o objeto, ou o seu amor; se não, me vejo atacado vingativamente e abandonado, ou em perigo de sê-lo.

Se não posso falar, quando mamãe vai embora, é como se ela morresse.

-
2. Fase de dependência absoluta, na teoria do desenvolvimento de Winnicott, seria aquela em que o bebê depende integralmente da mãe e desconhece tal dependência; refere-se aos primeiros meses de vida.
 3. Para Gaddini o balbucio seria uma atividade que objetiva preencher a ausência da mãe, podendo ser compreendido então como um fenômeno transicional.

Quando Mauro tenta limpar o fogo da sala afoitamente, está me mostrando como tem de passar a vida tentando reparar o irreparável.

Havia ocasiões em que ele me mostrava, muito angustiado, rachaduras na parede, com se fossem prova da precariedade de “nossa casa”, devido, pelo menos em parte, ao seu potencial destrutivo. Tal disposição, sim, leva secundariamente ao ataque: ele lançava sabão, água e outros objetos pela sala, com muita força, ao terminar a sessão. *O que não pode ser consertado, tem de ser eliminado.*

3/7/89

Mauro chegou à sessão rindo muito, com a calça abaixada. Na hora não consegui entender a razão daquela atitude. Ele parecia tão perturbado!

Já a caminho da sala, perguntou-me de um carrinho novo que pedira. Enquanto o pego, pula afoitamente em minha cadeira, querendo ver o que havia em meu armário e pedindo “bombas”. Parecia a mim que ele estava em “estado de fome”, buscando em minha sala avidamente algo que o satisfizesse, após um período de escassez. Talvez até o que conseguimos experimentar juntos, e lhe pareceu bom, não tenha podido se manter por muito tempo dentro de sua mente. Por outro lado, a esperança de encontrar satisfação persiste.

Ele acendeu então alguns palitos, lançou-os em minha direção e por toda a sala. Como não permiti que continuasse, acendeu uma fogueirinha e começou a falar sobre uma festa com fogueira, pipoca e balão: “Papai, balão... queimou...”

Nesse momento, tirou o pênis para fora e começou a urinar na sala, rindo muito.

Enquanto eu tentava evitar que o caos se estabelecesse, pretendi lhe dizer que ele queria muitas coisas minhas, e queria tanto que se sentia pegando fogo por dentro. Mas havia sinais de medo por trás de suas excitadas risadas, medo de alguma punição exemplar e radical por seus ousados e intensos desejos (seria o famigerado medo da castração?).

Como terminou o fósforo, saiu da sala e disse que ia comprar bombas. Na sala de espera queria algum remédio, e deixou cair o que encontrou. O vidro se quebrou e o remédio se espalhou pelo chão. Rindo muito enquanto me abaixava para juntar os cacos, ele jogou café em toda a mesa.

Era como se estivesse a dizer: Socorro! Acabou meu fogo, parece que me arrancaram um pedaço do corpo! Estou com um buraco-ferida e preciso de um remédio, de um tampão, para eu não explodir e ficar todo espalhado como este café!

Estava rindo de desespero. Quando disse que nosso tempo tinha acabado, sua expressão mudou para ódio e foi embora.

Acredito que este material ilustra os pontos que expus anteriormente a respeito de como a falta de um *self* continente permeia todos os estágios do desenvolvimento (da libido, se quisermos nos ater ao referencial freudiano). Impulsos fálicos, anais e orais são vividos como explosões que rompem a pele psíquica (o limite entre *eu* e mundo externo), em vez de serem mediados por esfíncteres, e podem então ser devastadores, tanto para o sujeito quanto para o objeto.

Não podemos, dessa forma, considerar a linguagem como responsável (ou co-participante) pela formação de uma estrutura mental semelhante ao esfíncter, que controla o fluxo de entradas e saídas, ou, em outras palavras, pela transformação dos impulsos de modo que eles possam ser expressos sem a experiência de rupturas explosivas? Enfim, de modo a possibilitar uma relação conteúdo-continente mais harmônica?

Breve Conclusão

Resumindo minhas idéias iniciais, a deficiência auditiva (entre outros fatores patogênicos, tanto ligados à própria prematuridade quanto ao ambiente) parece determinar nesse paciente falhas na formação de um *self* continente e na capacidade de internalizar bons objetos, determinando dessa maneira comportamentos extremamente turbulentos associados a intenso sentimento de perder o amor e a proteção do objeto devido aos estragos que lhe infligiu, sem poder contar com a possibilidade de fazer reparações adequadas. O círculo vicioso está formado.

Acredito que possamos atribuir à linguagem, no desenvolvimento normal, um papel importante em algumas destas funções que se mostram deficitárias em Mauro, e nomear outras ainda:

- 1) Recuperação da união com o objeto em um nível simbólico, não físico ou fusional.
- 2) Instrumento auxiliar no processo de internalização do objeto.
- 3) Contenção dos impulsos e organização do mundo interno.
- 4) Movimentos reparatórios.
- 5) Instrumento auxiliar na elaboração dos conflitos e sublimação.

E, nesse contexto, qual seria a função da psicanálise?

A meu ver, tentar fornecer a palavra, seja falada ou não, mais próxima da verdade psíquica, compartilhada e esclarecida, para que a experiência analítica seja a de recuperação (ou aquisição) de um bom objeto internalizado, de um espaço contensor no *self*, onde reparações e elaboração sejam possíveis.

Resumo

A autora descreve de início as relações históricas entre a psicanálise e a linguagem, mostrando a íntima ligação que existe entre as duas. Psicanálise é o estudo in vivo das relações humanas, e a linguagem é a mediadora principal das relações, daí o entrelaçamento inevitável. No entanto, é possível analisar mesmo crianças sem linguagem, o que fornecerá elementos inferenciais para o estudo de certas funções da linguagem na estruturação da vida mental.

O material psicanalítico de uma criança deficiente auditiva é então discutido, levando à hipotetização de que a aquisição de linguagem é importante fator coadjuvante particularmente no estabelecimento de um self continente e na internalização de experiências reassuradoras.

Abstract

This paper begins with a brief report of the historical relationship between psychoanalysis and language, trying to show how close they are linked, insofar

psychoanalysis is the in vivo study of human relationships, and language the natural mediator of such relationships. On the other hand, as we are able to analyse even speechless children, we can therefore take profit from this kind of psychoanalytical material in order to understand part of the role language has in mental structuring.

The case of a deaf children is commented, pointing to the hypothesis that language is particularly involved in the set up of a containing self, as well as in the internalization of reassuring experiences.

Referências Bibliográficas

- BICK, E. (1986) The experience of the skin in early object relations. *Int. J. Psycho-an.* 49, 484.
- FORRESTER, J. (1980). *Language and the origins of psycho-analysis*. London, MacMillan.
- FREUD, S. (1885). Estudios sobre la histeria. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1981.
- _____ (1912). La dinamica de la transferencia. In: Op. cit.
- _____ (1920). Más allá del principio del placer. In: Op. cit.
- GREEN, A. (1984). Le langage dans la psychanalyse. In: *Langages*. Paris, Les Belles Lettres.
- SEGAL, H. (1983). Os efeitos curativos na psicanálise. In: *A obra de Hanna Segal*. Rio de Janeiro, Imago.
- WINNICOTT, D.W. (1979). *O ambiente e os processos maturativos*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.

Recebido em mar/96; aprovado em maio/96